

PHILIP ROTH

# Quando ela era boa

*Tradução*

Jorio Dauster



Copyright © 1967 by Philip Roth

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

When She Was Good

*Capa*

Rita da Costa Aguiar

*Foto de capa*

Igor Ustynskyy/ Getty Images

*Preparação*

Ana Paula Martini

*Revisão*

Clara Diamant

Adriana Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Roth, Philip

Quando ela era boa / Philip Roth ; tradução Jório  
Dauster. — 1<sup>a</sup> ed. — São Paulo : Companhia das Letras,  
2018.

Título original: When She Was Good.

ISBN 978-85-359-3129-7

1. Ficção norte-americana 1. Título.

---

18-16430

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Ioanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](http://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](http://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/caletras](http://twitter.com/caletras)

A meu irmão Sandy;  
A meus amigos Alison Bishop, Bob Brustein,  
George Elliott, Mary Emma Elliott,  
Howard Stein e Mel Tumin;  
e a Ann Mudge:  
por palavras ditas e coisas feitas.

## PARTE I

Não ser rico, não ser famoso, não ser poderoso, nem mesmo ser feliz, mas ser civilizado — esse era o sonho de sua vida. Quais seriam os atributos dessa vida, ele era incapaz de expressar quando saiu da casa, ou cabana, de seu pai nas matas do norte do estado; seu plano consistia em viajar até Chicago para descobrir. Sabia com certeza o que não queria, ou seja, viver como um selvagem. Seu pai era um homem violento e ignorante — caçador, depois lenhador e, no fim da vida, vigia nas minas de minério de ferro. Sua mãe era uma mulher trabalhadeira, com um temperamento submisso que não lhe permitia querer nada além do que tinha; ou, se quisesse, se fosse realmente diferente da pessoa que parecia ser, achava pouco prudente falar sobre seus desejos na frente do marido.

Uma das mais vívidas recordações de seu tempo de menino tinha a ver com a visita que uma índia da tribo dos Chippewa fizera à cabana deles, levando uma raiz para sua irmã mastigar — Ginny estava com um febrão por causa da escarlatina. Willard tinha sete anos, Ginny, um, e a índia, como conta Willard

hoje, mais de cem. A menininha, delirante, não morreu daquela doença, embora mais tarde Willard viria a entender que seu pai achava que teria sido melhor se tivesse morrido. Pouco tempo depois, perceberam que a pobre Ginny não conseguia aprender a somar dois mais dois nem dizer os dias da semana na ordem. Se foi consequência da enfermidade ou se ela já tinha nascido assim, ninguém jamais saberia.

Willard nunca esqueceu a brutalidade daquela ocorrência — que para ele consistia no fato de que não havia nada a fazer, já que tudo o que acontecia, acontecia a uma criança de um ano. O que estava acontecendo — pelo menos foi a impressão que ele teve naquele momento — não estava ao alcance de seus olhos... Como parte do processo de descobrir seu poder de atração, o menino de sete anos tinha percebido recentemente que alguma coisa que lhe fosse negada de início podia lhe ser concedida caso ele olhasse no fundo dos olhos da outra pessoa por tempo suficiente o bastante para que a honestidade e a intensidade de seu desejo fossem apreciadas — até que ficasse entendido não se tratar apenas de alguma coisa que ele queria, mas de que *necessitava*. Seu êxito, embora escasso no ambiente familiar, era considerável na escola de Iron City, onde a jovem professora se encantara com o garoto efervescente, bem-humorado e esperto. Na noite em que Ginny gemia no berço, Willard fez o possível para atrair a atenção do pai, mas ele continuou seu jantar, impassível. E, quando por fim falou, foi para dizer ao menino que parasse de se mexer, de ficar olhando para a frente de boca aberta, e tratasse de comer também. Willard, porém, era incapaz de engolir qualquer coisa. Voltou a se concentrar, voltou a projetar sua emoção pelos olhos, desejando com toda a força que seu coração permitia — um desejo que nada tinha de egoísta, não queria nada para si, nunca mais desejaria alguma coisa para si — e dirigiu a súplica à mãe. Mas ela apenas afastou o rosto e chorou.

Mais tarde, quando seu pai saiu da cabana e sua mãe retirou os pratos para lavar na bacia, ele atravessou o aposento às escuras até onde Ginny estava. Pôs a mão no berço. Tocou uma bochecha que parecia uma bolsa de água quente. Perto dos dedinhos do pé do bebê, pura brasa, viu a raiz que a velha índia tinha trazido pela manhã. Cuidadosamente, fechou os dedos da mão de Ginny em torno dela, mas eles se soltaram tão logo Willard deixou de pressioná-los. Então ele pegou a raiz e a levou à boca da menininha. “Toma”, disse, como se convidasse um animal a comer da sua mão. Estava forçando a raiz entre as gengivas dela quando a porta se abriu. “Ei, você... deixa ela, sai daí” — e assim, impotente, ele foi para a cama e, aos sete anos, teve a primeira e terrível indicação de que no universo havia forças mais imunes a seus encantos, mais afastadas de seu desejo, mais distantes das necessidades e dos sentimentos humanos do que seu pai.

Ginny viveu com os pais até a morte da mãe. Então o pai de Willard, àquela altura um velho corpulento e decrepito, mudou-se para um quarto em Iron City e mandou Ginny para Beckstown, na extremidade noroeste do estado, onde ficava o asilo de débeis mentais. Passou quase um mês até que chegasse a Willard a notícia do que seu pai tinha feito. Ignorando as objeções de sua mulher, ele pegou o carro naquela mesma noite e dirigiu sem parar. No final da manhã do dia seguinte, voltou para casa com Ginny — não para Chicago, mas para a cidadezinha de Liberty Center, que fica a duzentos e quarenta quilômetros de Iron City rio abaixo, o lugar mais ao sul que Willard havia alcançado aos dezoito anos, quando decidiu viajar para o mundo civilizado.

Desde a guerra, o povoado rural que costumava ser Liberty Center começou a se transformar cada vez mais num subúrbio de Winnisaw. No entanto, quando Willard se instalou lá, não havia

nem ponte sobre o rio Slade ligando Liberty Center, na margem leste, à sede do condado, na margem oeste; para chegar a Winnisaw era preciso pegar o ferry ou, no auge do inverno, atravessar o gelo a pé. Liberty Center se constituía de casinhas brancas sob a sombra de grandes olmos e bordos, com um coreto no meio da Broadway, sua rua principal. Limitada a oeste pelas águas pálidas do rio, para o leste se abriam pastagens de gado leiteiro que, no verão de 1903, quando Willard ali aportou, estavam tão verdes que o fizeram lembrar — piada que contava para divertir as crianças — de um sujeito que ele certa vez havia visto depois de comer meio quilo de uma salada de batatas estragada num piquenique.

Até que viesse do norte, para ele “fora da cidade” sempre havia significado as florestas de árvores imensas que se estendiam rumo ao Canadá, assim como as tempestades de granizo, chuva e neve tangidas por fortes ventos. E “cidade” significava Iron City, para onde as toras de madeira eram levadas a fim de serem laminadas e o minério embarcado em vagões, a cidadezinha de fronteira ruidosa, movimentada e poeirenta para a qual, nos dias de escola, ele caminhava — ou corria, nas manhãs frias e escuras de inverno —, atravessando a floresta repleta de ursos e lobos. Por isso, ao ver Liberty Center, sua beleza tranquila, sua ordem serena, sua quietude de verão, tudo o que havia sido represado dentro dele, toda a ternura emocional que por dezoito anos constituíra seu fardo secreto, por vezes até sua vergonha, aflorou aos borbotões. Se havia um lugar onde a vida pudesse ser menos desolada, dura e cruel que aquela que ele conhecera como menino, se havia um lugar onde um homem não precisasse viver como um selvagem, onde não tivesse de ser lembrado a cada instante de que algo no mundo não gostava da humanidade ou nem sabia de sua existência, esse lugar era ali: Liberty Center! Ah, doce nome! Pelo menos para ele, de fato livre, por fim, da pavorosa tirania de homens cruéis e da natureza cruel.

Achou um quarto, depois um emprego — fez um exame e tirou uma nota alta o bastante para se tornar funcionário dos correios; mais tarde, encontrou uma esposa, moça decidida e respeitável, de boa família; teve então uma filha, e certo dia — a realização, assim se deu conta, de um desejo muito profundo — comprou um sobrado com varanda na frente e quintal nos fundos: no térreo, sala de estar, sala de jantar, cozinha e um quarto; no andar de cima, mais dois quartos e o banheiro. Em 1915, seis anos depois do nascimento da filha e após sua promoção a sub-chefe dos correios da cidade, construiu um banheiro na parte de trás do térreo. Em 1962, a calçada da frente precisou de um conserto, uma despesa e tanto para aquele homem que à época vivia da aposentadoria, mas precisava ser feito, pois o cimento quebrara em vários pontos e representava um perigo para os pedestres. Na verdade, até os dias de hoje, quando sua famosa agilidade, ou nervosismo, havia praticamente desaparecido; quando várias vezes a cada tarde ele se encontrava numa cadeira sem se lembrar quando tinha sentado, despertando de um sono que não lembrava necessitar; quando, à noite, desatar os cadarços produzia um gemido que ele nem ouvia; quando na cama tentava por minutos sem fim dobrar os dedos para cerrar o punho, caindo às vezes no sono após fracassar em todas as tentativas; quando, ao final de cada mês, via a nova página do calendário e entendia que, na porta da despensa, estavam expostos o mês e o ano em que certamente ia morrer, que um daqueles grandes números pretos sobre os quais seus olhos se moviam lentamente era a data em que sairia para sempre deste mundo — no entanto ele continuava a cuidar, tão depressa quanto podia, de uma grade bambu na varanda, do gotejar de uma torneira no banheiro, ou de uma tachinha solta no carpete do corredor — e tudo isso não apenas para manter o conforto dos que ainda viviam com ele, mas também, na medida do possível, a dignidade de todos eles.

\* \* \*

Certa tarde de novembro de 1954, uma semana antes do Dia de Ação de Graças, na hora do lusco-fusco, Willard Carroll foi de carro até Clark's Hill, estacionou junto à cerca e subiu a pé o caminho que levava às sepulturas da família. Como o vento estava ficando mais frio e mais forte a cada minuto, quando ele atingiu o topo da colina, as árvores nuas, cujos galhos apenas estalavam no momento em que ele saiu do carro, agora emitiam um gemido surdo. O céu de nuvens agitadas tinha uma coloração estranha, embora mais abaixo já parecesse ser noite. Da cidade, ele conseguia discernir pouco mais que a linha negra do rio e os faróis dos carros que passavam pela Water Street em direção à Winnisaw Bridge.

Como se, de todos os lugares possíveis, aquele tivesse sido seu destino, Willard se deixou cair sobre o banco frio que ficava defronte às duas lápides, levantou a gola do casaco vermelho de caça, puxou para baixo as abas de orelha do gorro, e ali, diante das sepulturas da irmã Ginny e da neta Lucy, e dos retângulos reservados aos demais familiares, esperou. Começou a nevar.

Esperava o quê? A cretinice desse seu comportamento logo ficou evidente. O ônibus que o levara a sair de casa estaria estacionando nos fundos da loja do Van Harn dentro de alguns minutos; dele desceria Whitey, com a mala na mão, estivesse seu sogro sentado ali num cemitério gélido ou não. Tudo estava pronto para sua chegada, que o próprio Willard contribuíra para que ocorresse. Então, o que fazer agora? Dar para trás? Mudar de ideia? Deixar que Whitey encontrasse outro protetor — ou trouxa? Está certo, ah, é exatamente isso — deixe escurecer, deixe esfriar, simplesmente continue sentado enquanto cai a neve... E o ônibus vai chegar, o sujeito vai descer e entrar na sala de espera, felicíssimo por ter de novo tapeado alguém — e descobrir

que, dessa vez, nenhum babaca chamado Willard o aguarda na sala de espera.

Mas em casa Berta preparava o jantar para quatro pessoas; ao passar pela cozinha para ir à garagem, Willard havia lhe dado um beijo no rosto — “Vai dar tudo certo, sra. Carroll” —, mas podia estar falando consigo próprio, a julgar pela reação que suscitou. Na realidade, era mesmo consigo que falava. Saiu da entrada da garagem de marcha a ré e olhou para o segundo andar, onde sua filha Myra corria pelo quarto para tomar banho e se vestir antes que o pai e o marido entrassem em casa. Mas o mais triste, e mais perturbador, era que havia uma luz fraca no quarto de Lucy. Na semana anterior, Myra havia mudado a cama de um lado para o outro do quarto, removera as cortinas que haviam continuado penduradas durante todos aqueles anos, e comprara uma colcha nova, de modo que pelo menos não se parecesse mais com o quarto em que Lucy havia dormido, ou tentado dormir, na última noite que passou na casa. Obviamente, a respeito da questão de como e onde Whitey iria dormir, o que Willard podia fazer senão se manter em silêncio? Secretamente, era um alívio saber que Whitey ficaria “em observação” — mas seria melhor que ocupasse outra cama que não aquela.

Em Winnisaw, o velho amigo de Willard e colega de maçonaria Bud Doremus esperava que Whitey aparecesse para trabalhar em sua loja de ferragens na primeira hora da segunda-feira. Os acertos com Bud datavam do verão, quando Willard aceitara receber de novo o genro em sua casa, mesmo que só por pouco tempo. “Só por pouco tempo”, garantiu a Berta; porque ela estava certa, isso simplesmente não podia ser uma repetição de 1934, quando alguém necessitado tinha vindo para uma breve estada e de algum modo conseguira estendê-la por dezesseis anos, mamando nas tetas de outra pessoa que nem tinha tanto leite para dar. Mas é claro, disse Willard, aquela outra pessoa era por

acaso o pai da mulher do sujeito... E isso significa, perguntou Berta, que dessa vez vão ser mais dezesseis anos? Porque você sem dúvida continua a ser o pai da mulher dele; isso não mudou em nada. Berta, para início de conversa, não imagino que eu tenha mais dezesseis anos pela frente. Bem, ela disse, nem eu, o que pode ser outra razão para nem começar. Está falando em deixar os dois saírem por aí sozinhos? Antes mesmo de saber se o sujeito mudou mesmo?, perguntou Willard. E se ele tiver de fato se regenerado, de uma vez por todas? Ah, sei, disse Berta. Bom, você pode ironizar, mas não é assim que eu encaro as coisas. Quer dizer, por acaso Myra também encara de outro modo, Berta disse. Estou aberto a opiniões de todos os lados, ele disse, não vou negar. E por que iria negar? Então muito bem, talvez você devesse estar aberto à minha, disse Berta, antes de começarmos essa tragédia mais uma vez. Berta, ele disse, até primeiro de janeiro vou oferecer ao sujeito um teto para ele poder acertar seus ponteiros. Primeiro de janeiro, ela disse, mas de que ano? Do ano dois mil?

Sentado sozinho no cemitério, os galhos das árvores agitados pela ventania e a escuridão da cidadezinha aparentemente sugada pelo céu quando a neve começou a cair, Willard lembrou dos dias da Depressão, e das noites também, quando às vezes acordava em meio às trevas e não sabia se tremia ou ficava feliz por ter alguém que precisava dele deitado em cada cama da casa. Tinham se passado apenas seis meses desde que fora a Beckstown salvar Ginny de uma vida entre os retardados quando abriu a porta para Myra, Whitey e Lucy, a filhinha deles de três anos. Ah, ainda lembrava da criança pequena, loura e animada que Lucy tinha sido — tão ativa, inteligente e doce! Lembrava que, quando começou a aprender a cuidar de si mesma, ela tentava transmitir

o que sabia para a tia Ginny, mas a pobre criatura quase não era capaz de aprender a executar as mais simples funções fisiológicas, quanto mais dominar as sutilezas do ritual de beber chá ou o mistério de enrolar duas meias brancas para fazer uma bola.

Ah, sim, lembrava tudo. Ginny, uma mulher adulta, totalmente desenvolvida, olhando para baixo, com aquele rosto pálido e abobalhado, esperando que Lucy lhe dissesse o que fazer — a pequena Lucy, que era então pouco maior que um pássaro. Ginny saía correndo pelo gramado atrás da criança feliz, seus pés apontando para fora no sapato de sola grossa, dando passinhos curtos e rápidos para não se afastar muito — uma cena estranhamente bela porém melancólica, pois era não apenas prova do amor de uma pela outra, mas do fato de que no cérebro de Ginny estavam fundidas inúmeras coisas que na vida real são separadas e distintas. Ela sempre parecia pensar que Lucy de alguma forma era ela — isto é, mais de Ginny, ou o resto de Ginny, ou a Ginny que as pessoas chamavam de Lucy. Quando Lucy tomava um sorvete, os olhos de Ginny brilhavam de alegria e prazer, como se ela é que estivesse saboreando o tal sorvete. Se, por castigo, Lucy fosse mandada mais cedo para a cama, Ginny também chorava e ia dormir como uma condenada... uma cena insólita que deixava o resto da família calada e infeliz.

Quando chegou a hora de Lucy ir para a escola, Ginny também foi, embora não devesse. Ela seguia Lucy até lá, e então se postava no térreo, do lado de fora, onde ficava o jardim de infância, e chamava pela menina. De início a professora mudou de lugar a carteira de Lucy com a esperança de que, se Ginny não a visse, acabaria se cansando ou se entediando, e voltaria para casa. Mas Ginny aumentou o tom da voz e, em consequência, Willard teve uma conversa séria com ela, dizendo que, se não deixasse Lucy em paz, teria de trancar no quarto com ela, o dia inteiro, uma garota má chamada Virginia. Mas a punição se revelou inú-

til, tanto na ameaça quanto na execução: no momento em que a deixavam sair do quarto para ir ao banheiro, ela disparava escada abaixo, no seu bambolear de pato, e corria até a escola. E, de qualquer modo, ele não podia mantê-la trancada no quarto. Não foi para amarrar sua irmã a uma árvore no quintal que ele a havia trazido para viver em casa. Era sua parente viva mais próxima, assim disse a Berta, quando ela sugeriu como possível solução que Ginny fosse atada a uma correia comprida; era sua irmã menor, que havia sofrido algo horrível quando tinha apenas um ano. Mas Lucy, ela o lembrou — como se isso fosse necessário —, era filha de Myra e sua neta, e como poderia aprender alguma coisa na escola caso Ginny ficasse do lado de fora da sala de aula o dia inteiro entoando com sua voz de sirene “Luu-cy... Luu-cy”...?

Por fim, chegou o dia que não fez o menor sentido. Como Ginny, do lado de fora da sala de aula, não parava de chamar um nome que não fazia mal a ninguém, Willard a levaria de volta ao asilo estadual em Beckstown. Na noite anterior, o diretor tinha telefonado mais uma vez, dizendo, ainda que com delicadeza, que as coisas já tinham ido longe demais. Willard argumentou que talvez dentro de algumas semanas Ginny poderia entender, mas o diretor deixou claro ao sr. Carroll, como o fizera minutos antes aos pais da garotinha, que Ginny precisava ser contida em definitivo ou Lucy teria de ficar fora da escola, o que, naturalmente, constituiria uma violação da lei estadual.

Na longa viagem de carro até Beckstown, Willard tentou várias vezes fazer com que Ginny de algum modo entendesse a situação, porém, por mais que explicasse, por mais que desse exemplos — olha, ali está uma vaca, Ginny, e lá outra vaca; essa aqui é uma árvore, aquela ali é outra árvore —, não houve jeito de fazê-la compreender que Ginny era uma pessoa e Lucy outra. Chegaram por volta da hora do jantar. Pegou na mão dela e a levou pelo caminho tomado de ervas até o comprido prédio de

madeira de um único andar, onde ela passaria o resto de seus dias. E por quê? Porque não era capaz de entender o fato mais fundamental da vida humana, o fato de que eu sou eu e você é você.

No gabinete, o diretor do asilo deu as boas-vindas a Ginny por voltar à Escola Vocacional de Beckstown. Um assistente pôs sobre seus braços estendidos uma toalha, um tapetinho e um cobertor, e a conduziu à ala das mulheres. Seguindo as instruções do assistente, ela desenrolou o colchão e começou a fazer a cama. “Mas foi isso que meu pai fez!”, Willard pensou. “Mandou Ginny embora!”... enquanto o diretor lhe dizia: “É assim mesmo, sr. Carroll. As pessoas acham que podem levá-las para casa, e depois as trazem de volta. Não se sinta mal, senhor, é isso mesmo que acontece”.

Entre gente parecida com ela, Ginny viveu sem incidentes por mais três anos, até que em determinado inverno uma epidemia de gripe se abateu sobre o asilo e, antes mesmo que o irmão pudesse ser notificado de sua doença, ela morreu.

Quando Willard foi até Iron City dar a notícia a seu pai, o velho ouviu e não reagiu nem mesmo com um suspiro; nenhuma manifestação emocional; nenhuma lágrima por uma criatura que carregava seu sangue, que vivera e morrera fora do alcance da sociedade humana. Morrer sozinha, disse Willard, sem familiares, sem amigos, sem um lar... O velho se limitou a concordar com a cabeça, como se seu filho entristecido estivesse relatando uma ocorrência cotidiana.

Em menos de um ano ele morreu de uma hemorragia cerebral. Na pequena cerimônia que organizou para o pai em Iron City, Willard se viu, diante da sepultura, tomado repentina e inexplicavelmente por aquele sentimento que pode atingir as pessoas de bom coração mesmo diante da morte de um inimigo — a certeza de que a alma era mais profunda e a vida mais trágica do que ele poderia imaginar.

\* \* \*

Ele espanou a neve dos ombros do casaco e bateu com o pé direito no chão para evitar um formigamento. Consultou o relógio. “Bom, talvez o ônibus esteja atrasado. Se não estiver, ele pode esperar. Não vai morrer por isso.”

Estava lembrando de novo: dentre tudo o que havia para ser lembrado, da Feira do Dia da Independência em Iron City, aquele 4 de julho que ocorrera havia quase sessenta anos, quando ganhou oito das doze provas de atletismo e bateu um recorde que permanecia até hoje. Willard sabia disso porque sempre dava um jeito de conseguir um jornal de Iron City a cada 5 de julho, só para dar uma olhada e verificar. Ainda lembrava ter voltado correndo para casa pela floresta ao terminar aquele dia glorioso, sair da estrada de terra para entrar na cabana, pôr em cima da mesa todas as medalhas que havia recebido; lembrava como seu pai, tendo sopesado cada uma delas, o levara para fora, onde alguns vizinhos estavam reunidos. Disse à mãe de Willard que desse um sinal de partida para os dois. Na corrida que se seguiu, de uns duzentos metros, o pai abriu uma dianteira de uns bons sete metros. “Mas eu passei o dia todo correndo”, pensou Willard. “Corri o caminho todo até em casa...”

“E então, quem é o mais veloz?”, um dos espectadores cçoou do menino quando ele voltava à cabana.

Lá dentro, o pai disse: “Na próxima vez, não esqueça”.

“Não vou esquecer”, respondeu o garoto...

Bem, esta era a história. E a moral? O que exatamente suas recordações estavam tentando lhe dizer?

Bem, a moral, se é que ela existe, veio depois, anos depois. Certa noite ele estava sentado na sala de estar, diante do jovem genro que se acomodara com o jornal e estava prestes a comer uma maçã, desfrutando das delícias de uma noite confortável.